

# Orquestra Sinfónica

## do Porto Casa da Música

José Eduardo Gomes direcção musical

19 Fev 2023 · 18:00 Sala Suggia

CONCERTO DE CARNAVAL



casa da música

MECENAS CASA DA MÚSICA



A CASA DA MÚSICA É MEMBRO DE



## **Hector Berlioz**

Abertura *O Carnaval Romano*, op. 9 (1844; c.9min)

## **Bedřich Smetana**

*Moldava*, poema sinfónico do ciclo *A minha Pátria* (1874; c.12min)

## **Jean Sibelius**

*Finlândia*, poema sinfónico para orquestra, op. 26 (1899; c.8min)

## **Luís de Freitas Branco**

“Fandango”, da *Suite Alentejana n.º1* (1919; c.8min)

## **Giuseppe Verdi**

Abertura da ópera *Nabucco* (1842; c.8min)

## **Manuel de Falla**

“Dança Ritual do Fogo”, do bailado *El Amor Brujo* (1915/25; c.5min)

## **Piotr Tchaikovski**

*Marcha Eslava*, op. 31 (1876; c.11min)

Concerto sem intervalo.

**Hector Berlioz** (1803-1869) foi um dos mais notáveis compositores franceses do período romântico, notabilizando-se pela sua capacidade de orquestração, e é autor de um influente tratado de orquestração (1844). No campo sinfónico, escreveu a conhecida *Symphonie fantastique* e *Harold en Italie*, dedicando-se também à composição de óperas como *La Damnation de Faust* ou *Les Troyens*, entre outras. Apesar das suas qualidades como compositor, algumas das obras que escreveu não foram bem acolhidas, como é o caso da ópera *Benvenuto Cellini*, de 1838. Desagradado com a hostilidade da recepção, voltou, anos depois, a algumas ideias musicais relacionadas com essa partitura. Decidiu então compor o *Carnaval Romano* a partir de temas de *Benvenuto Cellini*, como forma de o colocar como prólogo ao segundo acto, embora sem grande efeito. Mas, enquanto peça de concerto autónoma, a abertura *Carnaval Romano*, que seria dirigida pelo compositor em 1844, conquistou de imediato o público.

A abertura apresenta a mestria do compositor na exploração das texturas orquestrais, assim como dos grandes contrastes e da riqueza harmónica e tímbrica dos instrumentos musicais. Estes elementos estão presentes desde o início da obra. Berlioz faz uso de alguns temas da ópera supracitada, em particular de uma melodia do primeiro acto, e da dança popular italiana *Saltarello*, caracterizada pela sua vivacidade — que surge no segundo acto, precisamente numa cena de Carnaval que tem lugar em Roma. Como noutras obras suas, a intervenção pujante dos metais anuncia um final grandioso.

Considerado um dos mais importantes compositores checos, **Bedřich Smetana** (1824-1884) fomentou uma linguagem musical nacionalista que influenciaria os compositores da geração seguinte, entre os quais Dvořák. A utilização e a inspiração em músicas populares e de matriz rural, que integrou em várias obras, são uma marca distintiva da sua produção, que incidiu sobre repertório de música de câmara, ópera, música sinfónica, obras para piano, entre outros.

Oriundo de uma família humilde, Smetana lutou até conseguir um trabalho estável na música, que chegaria com a função de *Kapellmeister* do Teatro Nacional de Praga. A sua vida pessoal foi marcada por momentos difíceis, como a morte da filha em 1855, uma longa depressão, um quadro de surdez que se agravou nos anos 1870 e sífilis. Já com surdez praticamente total, compôs *Má Vlast* (*A minha Pátria*), um conjunto de seis poemas sinfónicos de cunho nacionalista, estreados como peças individuais entre 1875 e 1880. A primeira audição completa aconteceria apenas em Novembro de 1882, em Praga.

*Moldava* ou *Vlatva* — uma alusão ao rio mais longo daquele país — foi composto em 1874 e estreado no ano seguinte, constituindo o segundo poema sinfónico de *Má Vlast*, e também o mais popular. Inicia-se com um motivo quase flutuante nas flautas, juntando-se depois os clarinetes, pontuados pelo *pizzicato* nos violinos e violas. Este efeito ondulante é depois replicado pelas cordas, num tema luminoso que nos conduz pela descrição do percurso do rio. Segue-se uma secção inspirada numa dança popular. O contraste sucede num ambiente mais calmo, evocando o reflexo da lua e a dança das ninfas, antes de uma mudança que remete para os rápidos do rio, concedendo depois particular destaque aos metais, à medida que o rio se aproxima de Praga. A entrada na cidade é assinalada pelo tom majestoso e imponente.

*Finlândia* surge num período de forte sentimento nacionalista contra o domínio do Império Russo, que havia limitado a autonomia finlandesa no conhecido “Manifesto de Fevereiro”. **Jean Sibelius** (1865-1957) compusera a música para um melodrama com texto de Zachris Topelius, cujas palavras sobre a liberdade o inspiraram verdadeiramente. No âmbito das celebrações da Imprensa Finlandesa, que visavam angariar fundos, apresentou um prelúdio e seis andamentos evocativos de episódios da história da Finlândia, retirados do melodrama de Topelius, apresentado em 1899. O último destes andamentos, intitulado “A Finlândia desperta”, teria origem ao poema sinfónico *Finlândia*. O andamento era apresentado autonomamente com frequência, sempre com grande sucesso. Nesse ano, foi realizado um arranjo para piano com o título *Finlândia*, sugerido por Axel Carpelam. A versão orquestral estreou em Julho de 1900, pela Orquestra da Sociedade Filarmónica de Helsínquia, dirigida por Robert Kajanus.

Sibelius escreveu algumas palavras acerca da obra, referindo que pretendia algo próximo de uma essência da música finlandesa, mas não de modo artificial. O programa político era também claro, afirmando que representava 600 anos de luta pela liberdade e que era um “hino de vitória”. O início do poema sinfónico, com os acordes intensos nos metais, coloca-nos dentro de uma obra com uma forte dimensão programática, se atendermos aos sentimentos nacionalistas e patrióticos que alimentam o discurso musical. Uma certa tensão parece dissipar-se rumo à liberdade, com uma mudança notável da própria textura orquestral. Sibelius introduz depois um tema com as características de um hino, primeiro nas madeiras, seguindo-se as cordas. O hino, em particular, seria posteriormente cantado com diversas letras, apesar de não ter sido essa a intenção do compositor.

O Alentejo ocupou um lugar especial na vida de **Luís de Freitas Branco** (1890-1955), constituindo um refúgio e lugar de admiração pelas práticas musicais locais. Em particular, destaca-se a relação com Reguengos de Monsaraz, onde a sua família materna era proprietária do Monte dos Perdigões — que herdaria, com a irmã, após a morte do tio.

A *Suite Alentejana n.º 1* foi composta em 1919 e estreada a 8 de Fevereiro de 1920, no Teatro Politeama, pela Orquestra Sinfónica de Lisboa, com direcção de Vianna da Motta. A ligação do compositor ao movimento nacionalista Integralismo Lusitano, no âmbito do qual defendia uma música erudita com características nacionais, é relevante para percebermos esta obra de cunho regionalista e folclorizante — tal como outras que compôs, como a *Suite Alentejana n.º 2* (1927).

A *Suite Alentejana n.º 1* encontra-se dividida em três andamentos: o Final, comumente designado por “Fandango”, é o último andamento. Apesar da ligação regionalista, não se sabe ao certo que melodias específicas terão inspirado Freitas Branco nesta composição. O “Fandango” em programa apresenta uma estrutura tripartida (ABA), com uma coda. Começa com elementos estilísticos daquela dança característica de várias regiões da Península Ibérica. Depois da exuberância e vivacidade desta dança de pares, ouve-se uma secção pastoral, com destaque para o corne inglês, aludindo possivelmente à contemplação das paisagens alentejanas, retomando-se depois a secção inicial, com o tema do fandango. O andamento termina com uma coda triunfante.

A composição da ópera *Nabucco* de **Giuseppe Verdi** (1813-1891) está intrinsecamente ligada à figura do empresário Bartolomeo Merelli, director do Teatro alla Scala de Milão. Apesar da recepção menos conseguida das duas primeiras óperas de Verdi, Merelli acreditava que o jovem poderia compor um grande sucesso e que não deveria desanimar. Sugeriu o libreto escrito por Temistocle Solera, que versava sobre o rei babilónico Nabucodonosor II e a história dos hebreus exilados da sua terra natal, servindo como pano de fundo a um enredo romântico. Solera baseara o libreto em livros do Antigo Testamento e na peça de teatro *Nabucodonosor*, da autoria de Francis Cornu e Auguste Anicet-Bourgeois, estreada em 1836, em Paris.

Verdi não acolheu de imediato a ideia, em virtude do seu desânimo com uma sucessão de eventos pessoais — em particular a morte da esposa, de 26 anos. Todavia, talvez inspirado pelo conteúdo do libreto e pela sua dimensão política — e, segundo alguns mitos, pelo texto de “Va, pensiero” —, Verdi iniciou a composição da ópera em 1841. A estreia ocorreu no Teatro alla Scala, a 9 de Março de 1842. A excelente recepção catapultaria definitivamente a fama do compositor, ao ponto de o próprio considerar *Nabucco* o verdadeiro início da sua carreira. O sucesso alcançado rapidamente levou a várias récitas em teatros de Itália e, nos anos seguintes, em Viena, Lisboa, Londres e Nova Iorque. No contexto da luta pela unificação de Itália, “Va, pensiero”, o coro dos escravos hebreus, tornar-se-ia um dos símbolos do *Risorgimento*.

A abertura apresenta temas da ópera, numa combinação que explora alguns dos principais momentos da narrativa. Inicia-se com um coral nos metais, que remete para a fé dos hebreus perante a força escravizante de Nabucodonosor, surgindo depois o tema “Va, pensiero”, com destaque para o oboé e a flauta.

O compositor espanhol **Manuel de Falla** (1876-1946) compôs *O Amor Bruxo*, com o subtítulo “Cenas ciganas da Andaluzia”, entre 1914 e 1915, com a estreia a acontecer a 2 de Abril de 1915 no Teatro Lara de Madrid. A obra foi escrita para um bailado pantomima destinado à bailarina Pastora Imperio (1887-1979), uma das mais icónicas figuras da dança flamenca. O libreto de Martínez Sierra baseia-se na lenda cigana contada pela mãe de Imperio ao próprio. Narra a história de amor de Candelas e Carmelo, assombrado pelo espírito do marido morto de Candelas, que não quer que a paixão se consuma. O espírito é depois engando por uma bela jovem, Lucia, e, finalmente, exorcizado.

A temática amorosa está presente, em toda a sua intensidade, assim como a utilização de elementos da cultura da Andaluzia, como o flamenco, num tratamento estilizado dos elementos musicais. A *Dança Ritual do Fogo*, o oitavo andamento de *O Amor Bruxo*, acabaria por se tornar uma das composições mais populares de Manuel de Falla e é regularmente interpretada enquanto peça autónoma. No contexto do bailado, trata-se de uma dança com o intuito de afastar o espírito nefasto. O trilo inicial das violas, contrabaixos e clarinetes introduzem-nos ao ritual, emergindo o tema principal no oboé, depois nos violinos e nas flautas. O segundo tema, com um carácter mais heróico, surge nas trompas, seguindo-se a resposta de outros instrumentos, antes da ponte, com destaque para o oboé, que conduz à reexposição do material temático. A coda final tem uma forte presença dos metais, sendo o ritual concluído com uma sucessão de acordes repetidos.

Decorria o ano de 1876 quando **Piotr Tchaikovski** (1840-1893) compôs, em poucos dias, a *Marcha Eslova*, para ser apresentada num concerto de solidariedade com o intuito de angariar fundos para auxiliar os voluntários russos e os feridos sérvios. A Sérvia declarara guerra à Turquia (Império Otomano) a 30 de Junho de 1876, lutando pela independência. O Império Russo solidarizou-se com a causa e prontificou-se a apoiar a Sérvia, enviando soldados voluntários que pudessem auxiliar as tropas sérvias contra o poderio turco. Foi neste contexto que Nikolai Rubinstein, um amigo muito próximo de Tchaikovski, lhe solicitou a escrita de uma obra que revelasse o apoio à Sérvia. A estreia teve lugar em Novembro de 1876, tendo sido muito bem recebida pelo público, que sentiu o espírito nacionalista e solidário invocado na marcha.

Dado o contexto, a obra é programática, com referências ao conflito que então se vivia. O compositor procura ilustrar as ofensivas turcas aos sérvios, assim como a ajuda concedida pelos russos, rumo a uma vitória que se desejava triunfante. A marcha divide-se em quatro secções, com uma coda final na qual a escrita orquestral assume uma considerável magnitude. Tchaikovski utiliza duas canções populares da Sérvia, na primeira secção, concedendo-lhes grande destaque e tentando mostrar a situação daquele povo. As duas canções são apresentadas de forma contrastante — a primeira mais lúgubre e a segunda mais alegre, sendo que o compositor cria depois um clímax orquestral de grande intensidade. De notar a utilização do hino “Deus salve o Czar” de Fiodorovitch Lvov (tal como na *Abertura 1812*), e um crescendo de intensidade que parece aludir aos voluntários russos e ao seu destaque no auxílio à vitória da Sérvia.

## José Eduardo Gomes

### direcção musical

José Eduardo Gomes foi recentemente laureado com o 1.º prémio no European Union Conducting Competition, tendo ganho igualmente o Prémio Beethoven no mesmo concurso. É Professor na Escola Superior de Música de Lisboa, onde trabalha com as várias orquestras. Foi maestro titular da Orquestra Clássica do Centro, maestro associado da Orquestra Clássica do Sul, maestro titular da Orquestra Clássica da FEUP, professor na Escola Superior de Música e das Artes do Espectáculo (ESMAE), maestro titular do Coro do Círculo Portuense de Ópera e maestro principal da Orquestra de Câmara de Carouge (Suíça).

Iniciou os estudos de clarinete em V. N. Famalicão, sua cidade natal, na Banda de Música de Famalicão. Prosseguiu-os na ARTAVE e na ESMAE, onde se formou na classe de António Saiote, tendo recebido o Prémio Fundação Eng.º António de Almeida. Mais tarde, frequentou a Haute École de Musique de Genève (Suíça), estudando direcção de orquestra com Laurent Gay e direcção coral com Celso Antunes.

José Eduardo Gomes é membro fundador do Quarteto Vintage e do Serenade Ensemble. Foi laureado em diversos concursos, destacando-se o Prémio Jovens Músicos (categorias de clarinete e música de câmara) e o Concurso Internacional de Clarinete de Montroy (Valência). É igualmente laureado do Prémio Jovens Músicos, na categoria de direcção de orquestra, onde recebeu também o prémio da orquestra.

Nos últimos anos, tem sido convidado para trabalhar com as principais orquestras portuguesas, actuando nos mais destacados festivais de música portugueses com solistas como Maria João Pires, Diemut Poppen, Sebastian Klinger, Bruno Giuranna, Artur Pizarro, Natalia

Pegarkova, Adriana Ferreira, entre outros. Na temporada 2022/23, tem agendado concertos em Portugal, Alemanha, França e Hungria.

Participou em produções de óperas como *Don Giovanni* e *Così fan tutte* (Mozart), *Lo Speziale* (Haydn), e *La Donna di Genio Volubile* (Marcos de Portugal). Recentemente foi director musical da nova produção da Companhia Nacional de Bailado, *Alice no País das Maravilhas*, com a Orquestra Sinfónica Portuguesa.

Outra parte importante do seu trabalho é dedicada a orquestras de jovens, um pouco por todo o país. É director artístico da JOF — Jovem Orquestra de Famalicão. Em 2018 foi agraciado com a Medalha de Mérito Cultural pela Cidade de V. N. Famalicão.



## Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música

**Stefan Blunier** maestro titular

**Leopold Hager** maestro emérito

A Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música tem sido dirigida por reputados maestros, de entre os quais se destacam Stefan Blunier, Baldur Brönnimann, Olari Elts, Peter Eötvös, Heinz Holliger, Elihu Inbal, Michail Jurowski, Christoph König, Reinbert de Leeuw, Andris Nelsons, Vasily Petrenko, Emilio Pomarico, Peter Rundel, Michael Sanderling, Vassily Sinaisky, Tugan Sokhiev, John Storgårds, Jörg Widmann, Ryan Wigglesworth, Antoni Wit, Christian Zacharias, Lothar Zagrosek, Nuno Coelho, Pedro Neves, Joana Carneiro, Abel Pereira, Tito Ceccherini e Clemens Schuldt.

Diversos compositores trabalharam também com a orquestra, no âmbito das suas residências artísticas na Casa da Música, destacando-se os nomes de Emmanuel Nunes, Jonathan Harvey, Kaija Saariaho, Magnus Lindberg, Pascal Dusapin, Luca Francesconi, Unsuk Chin, Peter Eötvös, Helmut Lachenmann, Georges Aperghis, Heinz Holliger, Harrison Birtwistle, Georg Friedrich Haas, Jörg Widmann, Philippe Manoury e Rebecca Saunders, a que se junta em 2023 o compositor e maestro Enno Poppe.

A Orquestra tem pisado os palcos das mais prestigiadas salas de concerto de Viena, Estrasburgo, Luxemburgo, Antuérpia, Roterdão, Valladolid, Madrid, Santiago de Compostela e Brasil, e em 2021 actuou pela primeira vez na emblemática Philharmonie de Colónia. Em 2023, apresenta novas encomendas da Casa da Música aos compositores Heiner Goebbels, Pedro Amaral, José Maria Sanchez-Verdú, Klaus Ospald e João Caldas. Nesta temporada, destaca-se ainda a interpretação da ópera *Elektra*

de Richard Strauss, da cantata *Carmina Burana* de Carl Orff e de várias obras em estreia nacional — entre as quais *A House of Call. My Imaginary Notebook* de Heiner Goebbels, *Requiem* de Hans Werner Henze, o Concerto para piano e orquestra de Ferruccio Busoni e *Stele* de György Kurtág.

As temporadas recentes da Orquestra foram marcadas pela interpretação das integrais das sinfonias de Mahler, Prokofieff, Brahms e Bruckner; dos concertos para piano e orquestra de Beethoven e Rachmaninoff; e dos concertos para violino e orquestra de Mozart. Em 2011, o álbum “Follow the Songlines” ganhou a categoria de Jazz dos prémios Victoires de la musique, em França. Em 2013 foram editados os concertos para piano de Lopes-Graça, pela Naxos, e o disco com obras de Pascal Dusapin foi Escolha dos Críticos na revista Gramophone. Nos últimos anos surgiram os discos monográficos de Luca Francesconi (2014), Unsuk Chin (2015), Georges Aperghis (2017), Harrison Birtwistle (2020), Peter Eötvös e Magnus Lindberg (2021), além de gravações de dezenas de obras de compositores portugueses.

A origem da Orquestra remonta a 1947, ano em que foi constituída a Orquestra Sinfónica do Conservatório de Música do Porto, que desde então passou por diversas designações. Após a extinção das Orquestras da Radiodifusão Portuguesa foi fundada a Régie Cooperativa Sinfonia (1989-1992), sendo posteriormente criada a Orquestra Clássica do Porto e, mais tarde, a Orquestra Nacional do Porto (1997), alcançando a formação sinfónica com um quadro de 94 instrumentistas em 2000. A Orquestra foi integrada na Fundação Casa da Música em 2006, vindo a adoptar a actual designação em 2010.

**Violino I**

Evgeny Makhtin  
Álvaro Pereira  
Radu Ungureanu  
Emília Vanguelova  
Maria Kagan  
Vladimir Grinman  
José Despujols  
Alan Guimarães  
Andras Burai  
Tomás Costa\*  
Jorman Hernandez\*  
José Pedro Rocha\*

**Violino II**

Ana Madalena Ribeiro  
Nancy Frederick  
Catarina Martins  
Karolina Andrzejczak  
José Paulo Jesus  
Lilit Davtyan  
Domingos Lopes  
Pedro Rocha  
Henrique Gonçalves\*  
Ana Luísa Carvalho\*

**Viola**

Joana Nunes\*  
Anna Gonera  
Biliana Chamlieva  
Emília Alves  
Hazel Veitch  
Theo Ellegiers  
Rute Azevedo  
Alexandre Aguiar\*

**Violoncelo**

Vicente Chuaqui  
Feodor Kolpachnikov  
Sharon Kinder  
João Cunha  
Michal Kiska  
Aaron Choi

**Contrabaixo**

Florian Pertzborn  
Nadia Choi  
Joel Azevedo  
Slawomir Marzec  
Gustavo Rocha\*

**Flauta**

Paulo Barros  
Ana Maria Ribeiro  
Alexander Auer  
Angelina Rodrigues

**Oboé**

Tamás Bartók  
Sofia Brito\*  
Roberto Henriques

**Clarinete**

Carlos Alves  
Pedro Silva\*  
João Moreira

**Fagote**

David Harrison\*  
Cândida Nunes

**Trompa**

José Bernardo Silva  
Hugo Carneiro  
Eddy Tauber  
Bohdan Sebestik

**Trompete**

Ivan Crespo  
Rui Brito  
José Almeida\*  
Ricardo Vitorino\*

**Trombone**

Severo Martinez  
Pedro Silva\*  
Nuno Martins

**Tuba**

Sérgio Carolino

**Tímpanos**

Jean-François Lézé

**Percussão**

Bruno Costa  
Paulo Oliveira  
Nuno Simões  
André Dias\*  
Pedro Góis\*

**Harpa**

Ilaria Vivan

**Piano/Órgão**

Jonathan Ayerst\*

\*instrumentistas convidados



APOIO INSTITUCIONAL

MECENAS CASA DA MÚSICA

